

www.opf.pt

MISSÃO



MP

Nº 4 – Ano 22
Outubro-Dezembro
2024
Publicação Periódica Trimestral
Obras Missionárias Pontifícias
Preço Capa: 0,01 €



Ide e convidai a todos para o banquete

(Mt 22, 9)

**Iniciar um novo movimento missionário • O primeiro meio de evangelização
Natureza e carisma das OMP • Os pequenos detalhes do amor
Ideias-força das Jornadas Missionárias 2024**

Coração Missionário de Jesus



“O coração (de Jesus) aberto precede-nos e espera-nos incondicionalmente, sem exigir qualquer pré-requisito para nos amar e oferecer a Sua amizade: Ele amou-nos primeiro (cf. 1 Jo 4, 10). Graças a Jesus, «conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos n’Ele» (1 Jo 4, 16).”

(Papa Francisco, carta encíclica *Dilexit nos*, publicada no dia 24 de Outubro de 2024)



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP
Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missio.omp@gmail.com
NIPC: 501132619
Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 – I.S.S.N. – 1647 – 9203
Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes
Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca da Caparica
<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: 4.100
Preço de capa: 0,01€

FOTOGRAFIA:
João Fernandes; Arquivo OMP



SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Editorial: Iniciar um novo movimento missionário..... | 03 |
| Deus amou-nos primeiro | 04 |
| O primeiro meio de evangelização: o testemunho | 06 |
| Natureza e carisma das OMP | 08 |
| Os pequenos detalhes do amor..... | 13 |
| Só a confiança e “nada mais”..... | 14 |
| Promover a fraternidade e a amizade | 16 |
| Ideias-força das Jornadas Missionárias 2024 | 18 |
| Ofertórios Diocesanos das Missões em 2023..... | 20 |
| A grande festa missionária Americana | 21 |
| A Missão é divertida: Cão deveras atrevido!..... | 22 |
| Escaparate | 23 |



Iniciar um novo movimento missionário

A missão universal ou *ad gentes* é aquilo que ela representa – o sair e ir mais longe, ao encontro de quem não frequenta regularmente a Igreja e talvez não acredite, para testemunhar Jesus – deve ser o nosso compromisso eclesial mais importante. É por isso que o Papa Francisco tem insistido quase dia-sim-dia-não na necessidade da **missão, como o grande catalisador de toda a acção pastoral.**

A sua insistência deve-se ao facto de ele saber que não está a ser escutado. Pelo menos entre nós. **A missão é o parente pobre de muitas das nossas actividades pastorais a nível nacional, diocesano e paroquial.** Talvez por isso, o Papa Francisco propôs o caminho sinodal, cujo objectivo não era apenas melhorar os processos internos de decisão no seio da Igreja, de modo a torná-la menos clerical e mais evangélica, mas lançá-la em missão. Daí o subtítulo: *comunhão, participação e missão.*

A este propósito, o Papa Francisco escreveu na sua *Mensagem para o Dia Mundial das Missões* que **“a sinodalidade é missionária e, vice-versa, a missão é sempre sinodal.”** A fé pode ser entendida como o ciclo cardíaco de sístole e diástole – entrada e saída de sangue do coração. A experiência da comunidade cristã de Antioquia da Síria ilustra biblicamente esta afirmação, ao acolher a moção do Espírito para enviar Barnabé e Saulo em missão (*Act 13, 1-3*) e depois a recebê-los de volta com as questões inerentes à abertura aos pagãos (cf. *Act 14, 21-15, 34*).

No ano passado, na sua primeira catequese sobre *A paixão pela evangelização*, o Papa Francisco disse: “quando a vida cristã perde de vista o horizonte da evangelização, o horizonte do anúncio, adoece: fecha-se em si mesma, torna-se autorreferencial, atrofia-se. Sem zelo apostólico, a fé esmorece. Ao contrário, **a missão é o oxigénio da vida cristã: tonifica-a e purifica-a.**”



Onde a dinâmica da missão *ad gentes* diminui ou até morre, também todos os outros esforços pastorais se enfraquecem, pois a missão *ad gentes* é como a expressão mais plena de uma Igreja em saída, missionária, ansiosa por chegar a todos com o anúncio da salvação em Cristo. Por isso, a missão *ad gentes* proporciona à Igreja local aquele dinamismo que a impulsiona a ir ao encontro das pessoas, também daquelas mais distantes.

Deste modo, **a atenção à dimensão universal da evangelização não é uma distracção dos compromissos pastorais locais.** Aliás, o Papa Francisco sublinha a importância de olhar para a pastoral a partir da missão, quando diz, na *Evangelii Gaudium*, que “o paradigma de todas as actividades apostólicas é a missão *ad gentes*.” Isto significa que **a missão *ad gentes* deve inspirar a nossa evangelização.** Com efeito, o objectivo da pastoral é suscitar a fé como adesão pessoal a Cristo. Isto faz-se através do nosso testemunho de simplicidade e proximidade, privilegiando o essencial do Evangelho e o anúncio – não os sacramentos.

Na Europa do nosso tempo, de abundância e de possibilidade de acesso aos bens, a fé já não é sentida como necessária para ter

uma vida humana digna. Contudo, a necessidade de Deus e de salvação não desapareceu, mesmo no âmbito secular. **Somos, por isso, chamados a testemunhar uma fé não-necessária, mas preciosa para a vida pessoal e comunitária e a inculturá-la nos meios que frequentamos.** O Espírito Santo, principal agente da evangelização, precede-nos e não deixará que nos falte a criatividade e a coragem necessárias para isso.

“A missão é ida incansável rumo a toda a humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus,” diz o Papa Francisco na sua mensagem. A ela todos somos chamados, como diz ainda o Pontífice: **“Todo o cristão é chamado a tomar parte nesta missão universal com o seu testemunho evangélico em cada ambiente,** para que toda a Igreja saia continuamente com o Seu Senhor e Mestre rumo às «saídas dos caminhos» do mundo actual.”

A missão ajuda-nos a crescer na fé e dá sentido ao nosso ser cristão. Por isso, o Papa Francisco mais uma vez nos encoraja a sair em missão: “Oxalá todos nós, baptizados, nos disponhamos a sair de novo, cada um segundo a própria condição de vida, para iniciar um novo movimento missionário, como nos alvares do cristianismo.” ✦

Deus amou-nos primeiro

Na sua quarta encíclica, *Dilexit Nos* (“Amou-nos”), o Papa Francisco apela aos católicos de todo o mundo a redescobrirem o amor e a compaixão que se encontram no coração de Jesus Cristo.

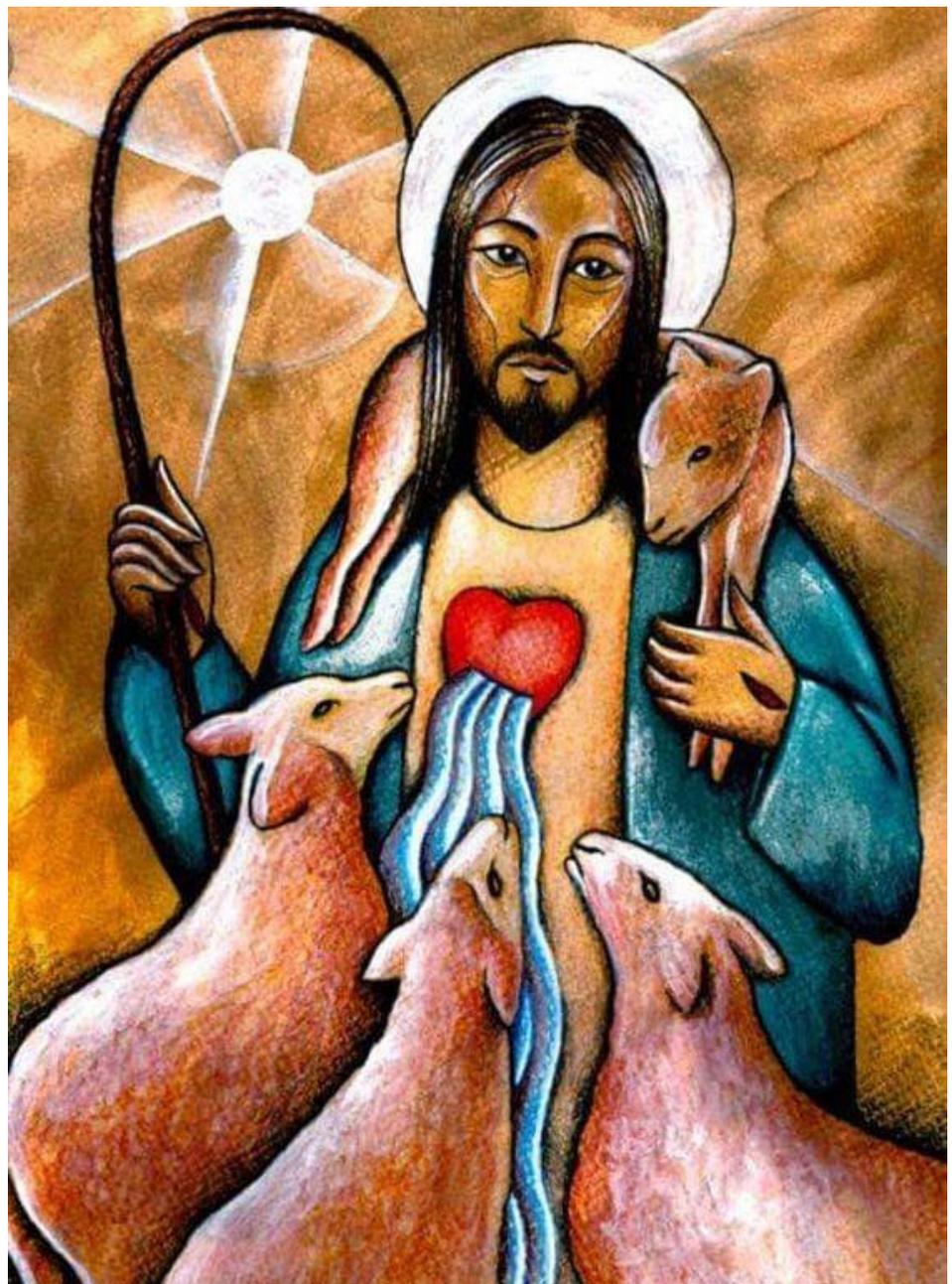
A nova carta encíclica sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus foi publicada no dia 24 de Novembro. O documento está dividido em cinco capítulos: 1) A importância do coração; 2) Gestos e palavras de amor; 3) Este é o coração que tanto amou; 4) Amor que dá de beber; 5) Amor por amor. Tem ainda uma pequena introdução e uma conclusão. É formado por 220 parágrafos e 227 notas.

Eis algumas ideias-chave da encíclica *Dilexit Nos*:

1. Nada nos pode separar do amor de Cristo. O título da encíclica vem do final do capítulo 8 da *Carta de S. Paulo aos Romanos*: “Quem nos poderá separar do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, ou a espada? ... Mas em tudo isto somos mais que vencedores, graças Àquele que nos amou. Estou, de facto, convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem as coisas presentes nem as que estão para vir, nem as potestades, nem a altura nem a profundidade, nem qualquer outra criatura, nos poderá separar do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor” (*Rm* 8, 35.37-39).

2. A força do coração num mundo fragmentado. O Papa critica aquilo a que chama a natureza “líquida” da vida contemporânea, marcada pela superficialidade e pelo consumismo. Diz: “Movemo-nos em sociedades de consumidores em série, preocupados só com o agora e dominados pelos ritmos e ruídos da tecnologia, sem muita paciência para os processos que a interioridade exige” (n. 9).

“No meio do turbilhão do mundo actual e da nossa obsessão com o tempo livre, o consumo e a dis-



tracção, os telefones e as redes sociais, esquecemo-nos de alimentar a nossa vida com a força da Eucaristia.” (n. 84), acrescenta o Papa Francisco.

Em contrapartida, escreve, o coração representa o “centro unificador” de cada pessoa e da sociedade. A encíclica cita o Papa Bento XVI, que disse: “Cada pessoa precisa de um “centro” da própria vida, de uma fonte de verdade e de bondade da qual haurir no suceder-se das diversas situações e na fadiga da quotidianidade. Cada um de nós, quando se detém no silêncio, precisa de ouvir não só o palpitante do próprio coração, mas, mais

em profundidade, o pulsar de uma presença de confiança, perceptível com os sentidos da fé e, contudo, muito mais real: a presença de Cristo, coração do mundo” (*Angelus*, 1 de Junho de 2008).

3. A cruz como expressão máxima do amor de Cristo. A encíclica afirma que “no Coração trespassado de Cristo estão concentradas, escritas na carne, todas as expressões de amor das Escrituras” (n. 101).

O Papa Francisco escreve sobre a grande consolação que pode ser encontrada na contemplação do coração de Cristo no Seu sofrimento e entrega até à morte pela nos-



sa salvação: “A nossa dor une-se à dor de Cristo na cruz, pois quando dizemos que a graça nos permite superar todas as distâncias, isso significa também que Cristo, quando sofria, estava unido a todos os sofrimentos dos Seus discípulos ao longo da história. Assim, se sofremos, podemos experimentar a consolação interior de saber que o próprio Cristo sofre connosco. Desejando consolá-l’O, saímos consolados” (n. 161).

O Papa Francisco acrescenta: “Perante o Coração de Cristo, é possível voltar à síntese encarnada do Evangelho e viver o que propus há pouco, recordando a amada Santa Teresa do Menino Jesus: «A atitude mais adequada é depositar a confiança do coração fora de nós mesmos, ou seja, na infinita misericórdia de um Deus que ama sem limites e que deu tudo na Cruz de Jesus” (n. 90).

4. O amor como impulso missionário. O Papa Francisco também escreve sobre “a dimensão comunitária, social e missionária de toda a autêntica devoção ao Coração de Cristo” (n. 163), acrescentando que o coração de Cristo não só nos leva ao Pai, mas também “nos envia aos irmãos”.

“Ele te envia a fazer o bem e te impele a partir do teu interior”, o Papa escreve. “Para isso, chama-te a uma vocação de serviço: farás o bem como médico, como mãe, como professor, como sacerdote. Onde quer que estejas, poderás sentir que ele te chama e te envia para viveres esta missão na terra” (n. 215).

O Papa Francisco também encoraja as paróquias a concentrarem-se menos nas estruturas e burocracias como meios de evangelização, alertando contra “comunidades e pastores concentrados apenas em actividades exteriores, em reformas estruturais desprovidas de Evangelho, em organizações obsessivas, em projectos mundanos, em reflexões secularizadas” (n. 88).

A encíclica recorda os exemplos missionários de santos como Santa Teresa do Menino Jesus, São Charles de Foucauld e São Daniel Comboni. Ao regressar a este Sagrado

Coração, escreve, os católicos podem encontrar uma energia renovada para enfrentar os desafios sociais e espirituais através do amor.

O Pontífice escreve sobre como o fogo do Espírito Santo enche o coração de Cristo, citando a carta de São João Paulo II no 100º aniversário da consagração do género humano ao coração divino de Jesus pelo Papa Leão XIII: “No Coração de Cristo é viva a acção do Espírito Santo, ao qual Jesus atribuiu a inspiração da Sua missão” (n. 75).

5. Dimensão missionária do amor a Cristo. O Papa recorda que a obra missionária da Igreja prolonga o fogo do amor do Coração de Jesus “que leva o anúncio do amor de Deus manifestado em Cristo” (n. 207).

“À luz do Sagrado Coração, a missão torna-se uma questão de amor, e o maior risco desta missão é que se digam e façam muitas coisas, mas não se consiga promover o encontro feliz com o amor de Cristo que abraça e salva” (n. 208), alerta.

Uma missão que nasce do encontro com o amor de Jesus “requer missionários apaixonados, que se deixem cativar por Cristo e que inevitavelmente transmitam esse amor que mudou as suas vidas” (n. 209).

Francisco propõe um *simplex* missionário: “Falar de Cristo, pelo testemunho ou pela palavra, de tal modo que os outros não tenham de fazer um grande esforço para o amar, é o maior desejo de um missionário da alma” (n. 210).

Adverte que a Igreja não faz proselitismo, mas insere as pessoas na experiência do amor de Deus com respeito pela liberdade e dignidade, sem imposições, recordando que “Cristo pede-te que não tenhas vergonha de reconhecer a tua amizade com Ele” (n. 211).

“**Uma missão que nasce do encontro com o amor de Jesus “requer missionários apaixonados, que se deixem cativar por Cristo.”**”

Avisando contra intimismos individualistas, o Papa explica que comunicar Cristo não é uma questão entre mim e Ele, mas faz-se sempre em comunhão. “[A missão] é vivida em comunhão com a própria comunidade e com a Igreja. Se nos afastarmos da comunidade, afastamo-nos também de Jesus” (n. 212).

E adianta: “Nunca se deve esquecer este segredo: o amor pelos irmãos e irmãs da própria comunidade – religiosa, paroquial, diocesana, etc. – é como o combustível que alimenta a nossa amizade com Jesus. Os actos de amor para com os irmãos e irmãs da comunidade podem ser a melhor ou, por vezes, a única forma possível de exprimir aos outros o amor de Jesus Cristo” (n. 212).

Os missionários são os mensageiros do amor de Deus, sobretudo para os mais pobres, desprezados e abandonados. No encontro com os outros, os missionários encontram Cristo que coopera com eles (Mc 16, 20). “Que lindo encontro!” (n. 213), exclama.

“De uma forma misteriosa, é o Seu amor que Se manifesta através do nosso serviço, é Ele próprio que fala ao mundo naquela linguagem que por vezes não tem palavras” (n. 214), explica o Papa.

Francisco retoma o tema recorrente “eu sou uma missão” – que apresentou pela primeira vez na Exortação Apostólica *A alegria do Evangelho* – e explica que a missão é fundamental para o amadurecimento da relação pessoal com Jesus: “Para que essa amizade amadureça, é preciso que te deixes enviar por Ele para cumprir uma missão neste mundo, com confiança, com generosidade, com liberdade, sem medo. [...] Quem não cumpre a sua missão nesta terra não pode ser feliz” (n. 215).

Logo, desafia: “Deixa-te enviar, deixa-te conduzir por Ele para onde Ele quiser. Não te esqueças que Ele vai contigo” (n. 215) ao mesmo tempo que celebra que ser missionário “é uma experiência preciosa” (n. 216). Uma experiência preciosa e um privilégio. ✦

Courtney Mares
e P. José da Silva Vieira

O primeiro meio de evangelização: o testemunho

Nesta nova catequese sobre a paixão pela evangelização, o Papa Francisco inspirando-se na *Evangelii nuntiandi* de São Paulo VI, explica que “evangelizar não é uma mera transmissão doutrinal ou moral, mas o testemunho dum encontro pessoal com Jesus Cristo.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, pomo-nos à escuta da “magna carta” da evangelização no mundo contemporâneo: a Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, de São Paulo VI (EN, 8 de Dezembro de 1975). É actual; foi escrita em 1975, mas é como se tivesse sido escrita ontem. **A evangelização é mais do que uma simples transmissão doutrinal e moral.** É em primeiro lugar testemunho: **não se pode evangelizar sem testemunho – o testemunho do encontro pessoal com Jesus Cristo, Verbo encarnado no qual a salvação se realizou.** O testemunho é indispensável porque, antes de mais nada, o mundo precisa de «evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar» (EN, 76). Não significa transmitir uma ideologia nem uma “doutrina” sobre Deus, não! Significa transmitir Deus, que Se torna vida em mim: nisto consiste o testemunho; e também porque «O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres [...] ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas» (*ibid.*, 41). Portanto, **o testemunho de Cristo é o primeiro meio de evangelização** (cf. *ibid.*) e, ao mesmo tempo, condição essencial para a sua eficácia (cf. *ibid.*, 76), a fim de que o anúncio do Evangelho seja fecundo. Ser testemunha!

É necessário recordar que o testemunho abrange também a fé professada, ou seja, a adesão convicta e manifesta a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, que nos criou e nos redimiu por amor. Uma fé que nos transforma: que transforma as nossas relações, os critérios e os valores que determinam as nossas escolhas. Por conseguinte, o

testemunho não pode prescindir da coerência entre aquilo em que se acredita, o que se anuncia e o que se vive. Não somos credíveis apenas transmitindo uma doutrina ou uma ideologia, não! **Uma pessoa é credível se houver harmonia entre aquilo em que acredita e o que vive.** Muitos cristãos só dizem que acreditam, mas vivem doutra maneira, como se não acreditassem. Isto é hipocrisia. **O oposto do testemunho é a hipocrisia.** Quantas vezes ouvimos: “Ah, ele vai à Missa todos os domingos, mas depois vive deste e daquele modo”: é verdade, é um contratestemunho.

Cada um de nós é chamado a responder a três perguntas fundamentais, assim formuladas por Paulo VI: “Acreditas no que anuncias? Vives aquilo em que acreditas? Anuncias o que vives?” (cf. *ibid.*). Há harmonia: acreditas no que anuncias? Vives aquilo em que acreditas? Anuncias o que vives? Não podemos contentar-nos com respostas fáceis, predefinidas. Somos chamados a aceitar até o risco desestabilizador da busca, confiando plenamente na acção do Espírito Santo que age

em cada um de nós, impelindo-nos a ir sempre mais além: além dos nossos confins, além das nossas barreiras, além dos nossos limites de qualquer tipo.

Neste sentido, o testemunho de uma vida cristã comporta um caminho de santidade assente no Baptismo, que nos torna «participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos» (Constituição dogmática *Lumen gentium*, 40). Uma santidade que não é reservada a poucos; que é dom de Deus e deve ser acolhido e feito frutificar para nós e para os outros. Nós, escolhidos e amados por Deus, devemos transmitir este amor aos outros. Paulo VI ensina que o zelo pela evangelização brota da santidade, nasce do coração repleto de Deus. **Alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à Eucaristia, a evangelização, por sua vez, faz crescer em santidade quantos a levam a cabo** (cf. EN, 76). Ao mesmo tempo, sem santidade, a palavra do evangelizador «difícilmente chegará ao coração do homem dos nossos tempos», mas «corre o risco de permanecer vã e infecunda» (*ibid.*).

Assim, devemos estar cons-





Papa Francisco, na sala Paulo VI, durante a habitual catequese das quartas-feiras.

cientes de que os destinatários da evangelização não são somente os outros, aqueles que professam outras crenças ou que não as professam, mas também nós próprios, crentes em Cristo e membros activos do Povo de Deus. E devemos converter-nos todos os dias, aceitar a palavra de Deus e mudar de vida: todos os dias! É assim que se faz a evangelização do coração. Para dar este testemunho, até a Igreja como tal deve começar pela evangelização de si mesma. **Se a Igreja não se evangelizar, continuará a ser uma peça de museu.** Na verdade, o que a actualiza continuamente é a evangelização de si própria. Tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. A Igreja, que é Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos – muitos – deve ouvir sempre proclamar as obras de Deus. Em síntese, isto significa que ela tem sempre necessidade

de ser evangelizada, deve seguir o Evangelho, rezar e sentir a força do Espírito que vai transformando o coração (cf. *EN*, 15).

Uma Igreja que se evangeliza para evangelizar é uma Igreja que, guiada pelo Espírito Santo, é chamada a percorrer um caminho exigente, uma senda de conversão, de renovação. Isto implica também a capacidade de mudar os modos de compreender e viver a sua presença evangelizadora na história, evitando refugiar-se nos âmbitos protegidos da lógica do “sempre se fez assim”. São refúgios que adoecem a Igreja. A Igreja deve ir em frente, deve crescer continuamente, e assim permanecerá jovem. Esta Igreja está inteiramente voltada para Deus, por isso participa no Seu desígnio de salvação para a humanidade e, ao mesmo tempo, está totalmente voltada para a humanidade. **A Igreja deve ser uma Igreja que encontra dialogicamente o mundo contemporâneo,**

que tece relações fraternas, que gera espaços de encontro, implementando boas práticas de hospitalidade, de acolhimento, de reconhecimento e de integração do outro e da alteridade, e que cuida da casa comum que é a criação. Ou seja, uma Igreja que encontra dialogicamente o mundo contemporâneo, dialoga com o mundo contemporâneo, mas que se encontra diariamente com o Senhor e dialoga com Ele e deixa entrar o Espírito Santo, que é o protagonista da evangelização. **Sem o Espírito Santo só poderíamos fazer publicidade da Igreja, não evangelizar.** É o Espírito Santo em nós que nos impele à evangelização e esta é a verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

Caros irmãos e irmãs, renovemos o convite a ler e reler a *Evangelii nuntiandi*: digo-vos a verdade, leio-a frequentemente, porque é a obra-prima de São Paulo VI, é a herança que nos deixou para evangelizar. ✦

Natureza e carisma das OMP

As Obras Missionárias Pontifícias (OMP) existem para ajudar todos os fiéis a redescobrir a fé e uma fé cuja natureza é missionária e universal. A missão *ad gentes* é a expressão mais plena de uma Igreja em saída, ansiosa por chegar a todos com o anúncio da salvação em Cristo. Por isso, a missão *ad gentes* proporciona à Igreja local aquele dinamismo que a impulsiona a ir ao encontro das pessoas, também daquelas mais distantes.



1. Notas históricas e comentário

A origem das OMP remonta ao ano de 1822 e à inspiração de Pauline-Marie Jaricot que instituiu a **Obra da Propagação da Fé**. Ela engendrou um engenhoso sistema para envolver os fiéis na missão universal da Igreja através da oração e da recolha de fundos. A iniciativa começou com um pequeno círculo de amigos que rezavam todos os dias pela missão *ad gentes* e faziam, semanalmente, uma pequena doação material para o sustento da missão da Igreja. Esta ideia difundiu-se, rapidamente, em toda a França e noutros países.

Aproveitando a inspiração de Pauline e seguindo a sua **insistência, primeiro sobre a oração e, depois, sobre a caridade para com os missionários em todo o mundo**, o Bispo Charles Forbin-Janson, percebendo a necessidade de levar o Evangelho às

crianças nos países de missão, sentiu-se inspirado e impulsionado a envolver as crianças da França na obra de evangelização, fundando a **Obra da Santa Infância**.

Pouco tempo depois, Jeanne Bigard e sua mãe, Stephanie, também seguiram esse caminho e fundaram a **Obra de São Pedro Apóstolo**, para a formação do clero nativo (dos países de missão).

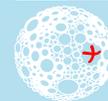
Por fim, em 1916, o Padre Paolo Manna fundou a **União Missionária**, para encorajar e formar bispos e padres solícitos na e pela missão *ad gentes*, envolvendo também os fiéis batizados em geral.

Em 1922, **o Papa Pio XI declarou as três primeiras Obras Pontifícias**. Mais tarde, em 1956, **o Papa Pio XII proclamou a quarta Obra (a União Missionária) pontifícia**. O Papa São Paulo VI confirmou o reconhecimento pontifício, recomendando novamente a União

Missionária a todos os bispos (para a formação e animação missionária nas suas dioceses).

Como sucessor de Pedro e Pastor Universal, **o Papa exprime a sua solicitude missionária por toda a Igreja e por cada uma das Igrejas locais através das OMP**.

Esta origem carismática das **Obras** foi reafirmada pelo Papa Francisco na sua *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2022*, quando diz: “É à luz da acção do Espírito Santo que queremos ler também os aniversários missionários deste 2022. [...] O mesmo Espírito, que guia a Igreja universal, inspira também homens e mulheres simples para missões extraordinárias. E foi assim que uma jovem francesa, Pauline Jaricot, há exactamente 200 anos fundou a Associação para a Propagação da Fé. (...) Embora em condições precárias, ela acolheu



a inspiração de Deus para pôr em movimento uma rede de oração e recolha de fundos para os missionários, de modo que os fiéis pudessem participar activamente na missão «até aos confins do mundo». Desta ideia genial, nasceu o **Dia Mundial das Missões, que celebramos todos os anos, e cuja colecta em todas as comunidades se destina ao Fundo Universal com que o Papa sustenta a actividade missionária.**

“Neste contexto, recordo também o Bispo francês Charles de Forbin-Janson, que iniciou a Obra da Santa Infância para promover a missão entre as crianças, sob o lema «As crianças evangelizam as crianças, as crianças rezam pelas crianças, as crianças ajudam as crianças de todo o mundo»; e lembro ainda a senhora Jeanne Bigard, que deu vida à Obra de São Pedro Apóstolo, para apoio dos seminaristas e sacerdotes em terras de missão. Estas três obras missionárias foram reconhecidas como «pontifícias», precisamente há cem anos. E foi também sob a inspiração e guia do Espírito Santo que o Beato Paolo Manna, nascido há 150 anos, fundou a actual União Missionária Pontifícia, a fim de sensibilizar e animar para a missão os sacerdotes, os religiosos e as religiosas e todo o povo de Deus. Desta última Obra, fez parte o próprio Paulo VI, que lhe confirmou o reconhecimento pontifício. (...) Espero que as Igrejas locais possam encontrar nestas Obras um instrumento seguro para alimentar o espírito missionário no Povo de Deus.”

2. A natureza das OMP

São uma **rede mundial de oração e caridade, pela missão evangelizadora da Igreja, ao serviço do Santo Padre**, expressão e fruto de um grande movimento de espiritualidade missionária no seio do Povo de Deus. **As OMP trabalham para uma maior consciência e zelo pela missão *ad gentes* de todos os baptizados, através da oração, animação missionária, informação, formação, cooperação e sacrifício pessoal.** O seu objectivo específico é o de rezar e agir concretamente para sus-

tentar a obra de evangelização e os missionários em todo o mundo.

3. O carisma das OMP

O carisma das OMP é, portanto, o de **formar e desenvolver em cada baptizado um espírito missionário, enraizado na oração, no sacrifício e na caridade**, ao serviço do Santo Padre no seu ministério de promover a missão *ad gentes* e o apoio a todas as Igrejas.

A esse respeito devem ser destacados dois aspectos muito importantes:

a. O carisma das OMP é um dom do Espírito Santo ao povo de Deus, para despertar ainda mais as actividades missionárias de todas as comunidades cristãs. É um movimento espiritual na Igreja inteira e ao serviço da Igreja inteira.

b. Este carisma compromete as OMP e, por meio delas, toda a Igreja, a deixar-se guiar pelo Espírito. A história das OMP ensina-nos o seguinte: elas souberam responder aos sempre novos desafios dos



O Papa exprime a sua solicitude missionária por toda a Igreja e por cada uma das Igrejas locais, através das OMP.



tempos. Também hoje, elas são chamadas a viver a sua natureza missionária, deixando-se inspirar para ir sempre “mais além”, onde a missão se faz necessária. A própria história das OMP, ao longo dos anos, é uma ilustração eloquente desse desenvolvimento e crescimento. Essa história é também um motivo de encorajamento para todos, especialmente para os que estão directamente envolvidos nas OMP, a não terem medo dos desafios, a serem dinâmicos e nunca estáticos, a estarem sempre “em saída”, como de resto toda a Igreja que é chamada a “sair”, a ir sempre “mais além”.

O n. 10 dos *Estatutos das OMP*, explicam a sua origem carismática, ao dizerem: “A origem carismática das Obras Missionárias Pontifícias é evidente desde o início da inspiração dos seus fundadores e da visão de fé dos seus primeiros colaboradores. Aos responsáveis de diversos grupos missionários reunidos em Lyon, no dia 3 de Maio de 1822, o seu presidente declarava: «Nós somos católicos e devemos fundar uma obra católica, isto é universal. Não devemos ajudar esta ou aquela missão, mas todas as missões do mundo».

A história de cada uma das Obras foi, uma após a outra, confirmando a sua origem carismática. Nascidas espontaneamente no Povo de Deus, como iniciativas apostólicas particulares de leigos, elas souberam transformar a adesão dos fiéis



P. Alípio Barbosa, Director Diocesano do Porto, numa acção de formação em Cucujães.



Audiência que o Papa Francisco concedeu aos directores nacionais das OMP e secretariados internacionais, em 2024.

a Cristo numa viva corresponsabilidade missionária. Assumidas como próprias pelas diversas Igrejas, as Obras foram, pouco a pouco, assumindo o carácter supranacional e, finalmente, foram reconhecidas como 'pontifícias' e colocadas na dependência directa da Santa Sé.

4. Expressões-chave

Na formulação sintética do carisma das OMP, como foi descrito acima, quatro expressões-chave precisam de ser destacadas para compreender e aprofundar melhor o seu carisma:

a. Ao serviço da missão evangelizadora da Igreja: é o primeiro e último objectivo das OMP. Aliás, é o único objectivo da sua existência, como pode ser visto nas intenções e acções de todos os fundadores das respectivas Obras. Nenhuma realidade das OMP existe em função de si mesma e nem tão pouco para outros fins humanitários, por mais nobres que sejam. Elas existem somente para a missão, precisamente a da evangelização, isto é, de anunciar a todos os povos o Evangelho de Cristo, mandato que Ele confiou à Sua Igreja, à comunidade dos Seus discípulos.

b. Uma rede mundial: as OMP são chamadas a construir uma rede e a trabalhar em rede, ou seja, em comunhão entre as várias direcções nacionais e com as Igrejas locais. Fundamental, nesse sentido, será a intuição e o brilhante trabalho de Pauline Jaricot na formação da rede e no trabalho em rede, como observou o então Presidente das OMP, Dom Giampietro Dal Toso: "Um sistema simples, mas genial: os grupos de 10 pessoas que, depois, se reuniam em 100 e, depois, em mil, tendo um responsável em cada nível."

Também nesta perspectiva, as respectivas direcções nacionais e as quatro Obras são chamadas a trabalhar em conjunto, umas com as outras, em espírito de colaboração e apoio recíproco. Neste espírito, **as direcções diocesanas são chamadas a trabalhar em conjunto com as direcções nacionais.** Da mesma forma, devem ser desenvolvidas relações estáveis com todos os sujeitos do Povo de Deus que têm uma vocação missionária específica (institutos missionários, conventos de clausura, missionários leigos). Por isso, esta rede é uma rede de formação (inicial e permanente) e de sensibilização para a missão.

Da Mensagem do Papa Francisco às Obras Missionárias Pontifícias 2020:

"As Obras Missionárias, tornando-se com o decorrer do tempo uma rede espalhada por todos os continentes, reflectem pela sua própria configuração a variedade de acentos, condições, problemas e dons que conotam a vida da Igreja nos diferentes lugares do mundo. Uma pluralidade que pode proteger contra assimilações ideológicas e unilateralismos culturais. Nesta linha, é possível experimentar, também através das OMP, o mistério da universalidade da Igreja: enquanto a obra incessante do Espírito Santo cria a harmonia entre as diferentes vozes, o Bispo de Roma, com o seu serviço de caridade exercido inclusivamente através das Obras Missionárias Pontifícias, salvaguarda a unidade na fé."

c. Rede mundial de oração: É a principal acção da missão. Assim como as OMP, **a oração tem como foco principal a missão de evangelização em todo o mundo.** Também aqui, além de suscitar nos fiéis, e principalmente nos mem-



bros das OMP, um desejo piedoso e um acto esporádico de oração, é necessário um acompanhamento constante e um processo de formação para a oração “missionária” que, em seguida, se expresse em acções concretas de caridade.

d. Rede mundial de caridade: É a consequência da oração. Também aqui, se trata sobretudo da caridade-oferta para a missão.

Eis o que consta no n. 19 dos *Estatutos*: “Entre as muitas formas do serviço à missão, as Obras Missionárias Pontifícias tiveram sempre como objectivo principal o apoio à evangelização propriamente dita. Sem excluir o apoio nos campos da promoção humana e do desenvolvimento, colaborando com entidades e associações católicas de assistência social e sanitária, elas retêm que «o melhor serviço ao irmão é a evangelização, que o predispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente» (*Redemptoris Missio*, 58).

Através dum fundo de solidariedade (cf. Art. 67), as Obras Missionárias Pontifícias mantêm prioritariamente as Igrejas em situações difíceis e de maior necessidade, ajudando-as, com respeito, a fazer frente às suas necessidades pastorais e missionárias fundamentais, com vista à sua progressiva autonomia, e a colocá-las de modo a corresponder, por sua vez, às necessidades dos outros (cf. *Redemptoris Missio*, 85).”

5. O serviço das OMP à Igreja local e universal

As OMP existem como tais em razão do estatuto papal, mas ao mesmo tempo são episcopais, como se diz no n. 17 dos *Estatutos*: “Embora sejam as Obras do Papa, são-no também de todo o Episcopado e do inteiro Povo de Deus” (PAULO VI, *Mensagem para o Dia Missionário Mundial de 1968, Cooperatio Missionalis*, 4). Por isso, as Obras Pontifícias são e permanecem também Obras Episcopais, enraizadas na vida das Igrejas particulares (cf. *Redemptoris Missio*, 84). Promovidas pelos Bispos a nível diocesano e nacional, estas

A QUÁDRUPLA FORMA DO CARISMA

Cada Obra concretiza o empenhamento comum de promover o espírito missionário no interior do Povo de Deus, do modo que lhe é próprio.

A **Obra da Propagação da Fé** tem como objectivo formar uma consciência católica nos fiéis, capaz de conjugar uma docilidade plena ao Espírito, com a acção apostólica aberta à mundialidade. Concorre também para a preparação de animadores missionários específicos, que actuem nas Igrejas particulares, para uma participação mais adequada delas na missão universal. Está particularmente atenta à formação missionária dos jovens e à dimensão missionária da família. Entre os frutos mais admiráveis desta Obra, encontra-se a introdução do Dia Missionário Mundial (*Redemptoris Missio*, 81), de acordo com a Sagrada Congregação dos Ritos, em 14 de Abril de 1926, e estabelecido no penúltimo Domingo do mês de Outubro.

A **Obra de São Pedro Apóstolo** tem como objectivo prioritário afirmar a importância da apostolicidade na missão e a necessidade de cada Igreja poder formar, nos contextos espirituais e culturais locais, o próprio pessoal religioso e, em particular, os ministros ordenados. O apoio promovido por esta Obra não é apenas económico, mas fundamenta-se na oração e na vida inspirada pela Fé.

A **Obra da Santa Infância ou Infância Missionária** deve o seu nome à vontade de confiá-la à protecção do Menino Jesus. Com a convicção de que as crianças podem ser uma força espiritual e social para uma real transformação do mundo, esta Obra pretende suscitar um movimento de crianças cristãs dedicadas a ajudar outras crianças. A Obra mantém o seu carácter missionário original e inclui também uma acção de denúncia e condenação das causas das múltiplas violências sofridas pelas crianças no mundo, contribuindo ainda com iniciativas de ajuda concretas. Este empenho é tanto mais eficaz, se desenvolvido em estreita ligação com as Igrejas locais e em sintonia com as famílias, as paróquias e as escolas.

A **União Missionária do Clero** antecipando e preparando o sucessivo ensinamento do Magistério sobre a dimensão missionária universal da vida presbiteral (cf. Concílio Ecum. Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 10), tem o propósito de despertar o zelo apostólico entre os seus membros e, através deles, em todo o povo cristão. A União coopera para incrementar as vocações missionárias e uma melhor distribuição do clero, valorizando a cooperação entre as Igrejas. Esta anima o Povo de Deus a tornar mais claro o dever missionário, e é uma força espiritual voltada para a conversão do mundo. ✦



MISSÃO e Igreja

Obras dependem legitimamente também deles no âmbito da própria competência, tendo em conta o seu carácter pontifício e no total respeito do seu *Estatuto*.

As Obras são pontifícias porque apoiam o Papa na realização da missão evangelizadora da Igreja em todo o mundo. De facto, ao sucessor de São Pedro é confiado o ministério de cuidar da missão em todo o mundo, dirigindo-se a todos – e as OMP são instrumentos concretos para o exercício do ministério petrino nesse âmbito. Nessa rede, espalhada em toda a Igreja, as OMP expressam a sua universalidade.

Ao mesmo tempo, as OMP são também episcopais, ou seja, confiadas às Igrejas particulares para apoiar o seu compromisso com a evangelização universal. Neste sentido, elas são uma ajuda para cada Igreja local. Por isso, na *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2022*, o Papa escreve: “Espero que as Igrejas locais possam encontrar nestas Obras um instrumento seguro para alimentar o espírito missionário no Povo de Deus.” Como se realiza este serviço às Igrejas locais?

Do ponto de vista institucional,

as OMP têm uma presença local com cerca de 120 directores nacionais, que, em cada país, coordenam o seu trabalho. Além disso, **o Código de Direito Canónico dispõe que o Bispo de cada diocese nomeie uma pessoa encarregada para cuidar das missões e, em particular, das OMP** (cf. *Cân.* 791).

Do ponto de vista pastoral, as OMP ajudam todos os fiéis a redescobrir a fé e uma fé cuja natureza é missionária e universal. Isso inclui a consciência missionária, a inspiração para a missão *ad gentes* e o apoio espiritual e material à missão da Igreja. Não é por acaso que São João Paulo II afirmou que **a crise da missão é sinal de uma crise de fé** (cf. *Redemptoris Missio*, 2).

Podemos dizer que a missão *ad gentes* inspira a evangelização: há muitos termos para definir o mandato que Jesus deu aos Seus discípulos antes da Sua ascensão ao céu: missão, apostolado, trabalho apostólico, proclamação do Evangelho, evangelização, testemunho, etc. Em suma, trata-se de fazer universal o amor de Deus, que Ele nos mostrou em Jesus Cristo, para que todos o possam abraçar livremente na fé e, depois, viver dele. **O paradigma de todas as acti-**

vidades apostólicas é a missão ad gentes, porque se volta àqueles que não são ainda baptizados. Com efeito, o objectivo da pastoral é suscitar a fé como adesão pessoal a Cristo. Onde a dinâmica da missão *ad gentes* diminui ou até morre, também todos os outros esforços pastorais se enfraquecem, pois a missão *ad gentes* é como a expressão mais plena de uma Igreja em saída, missionária, ansiosa por chegar a todos com o anúncio da salvação em Cristo. Por isso, a missão *ad gentes* proporciona à Igreja local aquele dinamismo que a impulsiona a ir ao encontro das pessoas, também daquelas mais distantes. Além disso, a presença das OMP nas respectivas dioceses ajuda-as a viver a universalidade da Igreja: **nenhuma Igreja local pode viver senão em relação à Igreja universal e vice-versa**. É precisamente no âmbito missionário em que emerge mais claramente o necessário intercâmbio e a recíproca fecundação entre a Igreja local e a Igreja universal. ✦

P. Anh Nhue Nguyen, OFMConv.
Secretário-Geral
da União Missionária Pontifícia





Os pequenos detalhes do amor...



Estes tempos são naturalmente inspirados pelo desafio do Dia Mundial do Pobre.

Dar significado a este dia e tentar que possa ainda ser alerta, estímulo de reflexão e inspiração de acção foi o que me trouxe hoje a estas linhas. Nestes dias cruzam-se desafios múltiplos e angústias desesperançadas, que me fazem sempre pensar como poderemos “recompor” este mundo, que muda tanto quanto gira, e cada vez mais rápido... São tantos os desafios, que o tempo de reflexão se prejudica e se desmerece a necessidade do cuidar, do proteger e do rezar.

O VIII dia Mundial do Pobre celebra-se a 17 de Novembro deste ano, dia que merece uma Mensagem do Santo Padre inspirada no caminho para 2025. Nesta mensagem, reforça a convicção “de que os pobres têm um lugar privilegiado no coração de Deus, que está atento e próximo de todos e cada um deles.”

Sob o lema “a oração do pobre eleva-se até Deus”, somos convocados a preparar o nosso olhar e o nosso coração com vista ao Jubileu Ordinário de 2025, também com a

“**O pobre é muito mais do que um produto de baixo rendimento. A pobreza é muito mais do que a falta de condições de subsistência ou de recursos.**”

certeza de que a oração do pobre chega à presença de Deus como meio e veículo de comunhão e que devemos reflectir para que a oração se construa como “aproximador” e meio de comunhão. Grande desafio!

O pobre é muito mais do que um produto de baixo rendimento. A pobreza é muito mais do que a falta de condições de subsistência ou de recursos. Manifesta-se pela fome, pela malnutrição, mas também pelo acesso limitado a meios, serviços prioritários, saúde, educação, e até à falta de participação. A tudo isto acrescem os muitos factores de exclusão social.

Neste ambiente, os mais frágeis são os que mais precisam de

atenção, de olhares atentos às dificuldades e ao papel que todos podem ter na sua proximidade e na construção de soluções de vida que considerem cada um em toda a sua plenitude com vista a um mundo de esperança. A esperança constrói-se com todos os dons e todos bens, a experiência e a energia de cada um.

Ficam-me as palavras do nosso Papa: “No caminho para o Ano Santo, exorto todos a fazerem-se peregrinos da esperança, dando sinais concretos de um futuro melhor. Não nos esqueçamos de guardar «os pequenos detalhes do amor» (Exort. ap. *Gaudete et Exsultate*, 145): parar, aproximar-se, dar um pouco de atenção, um sorriso, uma carícia, uma palavra de conforto...”

Uma última palavra de Esperança: cada um de nós transporta tesouros únicos e dons especiais. Muitas vezes desmerecemos isso e uma palavra que nos aconselhe ou inspire pode fazer toda a diferença, para nós e os que nos rodeiem ...

É preciso acreditar ... nos “pequenos detalhes do amor”. ✨

Dr^a Rita Valadas
Presidente da Caritas Portuguesa

Só a confiança e “nada mais”

O Papa Francisco, por ocasião do 150º aniversário do nascimento de Teresa de Lisieux (1873-2023), publicou uma não muito longa exortação apostólica, a 15 de Outubro de 2023, intitulada *C'est la Confiance* (CC). O documento, com o subtítulo: “Sobre a confiança no amor misericordioso de Deus”, contém uma introdução, quatro secções e uma oração final.

O Papa recorda que “Teresinha é uma das santas mais conhecidas e amadas em todo o mundo. Como sucede com São Francisco de Assis, é amada até por não-cristãos e não-crentes” (CC, n. 4). A mais nova de cinco filhas, Teresa nasceu numa família de classe média; o pai era relojoeiro e homem de uma autêntica piedade; a mãe morreu quando ela tinha apenas quatro anos. Parece que Teresa era a filha preferida do pai.

Teresa interagiu com vários papas. Leão XIII permitiu-lhe, aos 15 anos, entrar no convento das Carmelitas, onde duas das suas irmãs já a tinham precedido. Morreu de tuberculose a 30 de Setembro de 1897, com apenas 24 anos. Só 28 anos mais tarde, em 1925, Pio XI a canonizou e, dois anos mais tarde, tornou-a padroeira das missões. Em 1997, João Paulo II declarou-a Doutora da Igreja, a pessoa mais jovem a receber este título. O Papa Francisco canonizou os seus pais, Luís e Zélia Martin, durante o Sínodo sobre a Família em 2015. A sua festa litúrgica é no dia 1 de Outubro.

Estes notáveis desenvolvimentos foram desencadeados pela publicação póstuma da sua autobiografia, “A História de uma Alma”, que descreve a sua experiência e percepções únicas sobre a vida espiritual. O Papa Francisco deseja que a mensagem de Teresa “seja assumida como parte do tesouro espiritual da Igreja” (CC, n. 4). Cita também o Papa João Paulo II, que se referiu a Teresa como “perita da *scientia amoris*” (ciência do amor).

Jesus para os outros

Esta primeira secção revela algumas das intuições fundamentais de Teresa, a começar pela escolha do seu nome religioso. Ela é conhecida como “Teresa do Menino Jesus e da Santa Face”. O “Menino” ma-



Santa Teresinha, a santa da confiança.

nifesta o mistério da encarnação de Cristo; e a “Santa Face” revela Aquele que Se entregou completamente na cruz. O nome de Jesus estava constantemente nos seus lábios; ela escreveu na sua cela do mosteiro: “Jesus é o meu único amor” (CC, n. 8).

Teresa teve um autêntico encontro de fé com Cristo, que provocou uma profunda convocação para a missão. Ela descreve a sua missão com estas palavras: “Eu desejarei no Céu o mesmo que na terra: amar Jesus e fazê-l’O amar” (CC, n. 9). Ela escreveu que tinha entrado no Carmelo para salvar almas.

O Papa Francisco observa que “as últimas páginas da História de uma alma são um testamento missionário, exprimem a sua maneira de entender a evangelização por atracção, e não por pressão ou proselitismo” (CC, n. 10). Teresa dirige-se a Cristo, pedindo-lhe: “Atraí-me”; ela pede a Cristo que a atraia a Si e a todas as almas que ela ama. Ela acreditava que, quando a alma é atraída para Jesus, “mergulha no oceano sem limites do Vosso amor” (CC, n. 10).

Teresa fala também da acção do

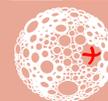
Espírito Santo: “Eis a minha oração. Peço a Jesus que me atraia para as chamas do Seu amor, que me una tão estreitamente a Ele, que viva e actue em mim. Estou certa de que quanto mais o fogo do amor abrasar o meu coração, tanto mais eu direi: ‘Atraí-me’” (CC, n. 12). Francisco afirma que foi “o que se verificou especialmente depois da sua morte. Foi a sua prometida «chuva de rosas»” (CC, n. 13).

O caminho da confiança e do amor

Santa Teresa não fundou uma ordem religiosa; nunca realizou grandes obras e nunca foi para as missões. No entanto, ela compreendeu que o importante na vida cristã é o grande amor, não as grandes obras. Teresa, a santa do “caminhito”, do “caminho da infância espiritual” (CC, n. 14), desenvolveu uma espiritualidade da ordinariedade, na qual se oferece a Deus cada momento e cada acção com simplicidade e amor.

O seu famoso título, “A Pequena Flor” (*The Little Flower / La Petite Fleur*) deriva da sua auto-imagem como sendo apenas uma entre milhões de pequenas flores comuns na encosta da montanha, cada uma dando tudo de si em alegria e louvor a Deus. Teresa é uma fonte de profunda esperança para milhões de pessoas que desejam servir a Deus, seu Pai amoroso, através da sua pequenez, simplicidade e amor. Encontram em Teresa a sua própria vocação e espiritualidade, o seu caminho “exequível” e “vivível” de santificação quotidiana.

Teresa usou a imagem de um elevador na sua *História de uma alma* para descrever o seu “pequeno caminho”: “O ascensor que me há-de elevar até ao Céu são os Vossos braços, ó Jesus! Para isso não tenho necessidade de crescer; pelo contrário, é preciso que eu per-



maneira pequena, e que me torne cada vez mais pequena» (CC, n. 16). O Papa Francisco afirma: “Vê-se pequena, incapaz de fiar-se em si própria, embora firmemente certa da força amorosa dos braços do Senhor” (CC, n. 16). Teresa sempre realçou a iniciativa de Deus. Ao falar da Eucaristia, ela diz a Jesus “Ficai em mim, como no Sacrário” (CC, n. 22). De facto, “centro e o objecto do seu olhar não é ela própria com as suas necessidades, mas Cristo que ama, que procura, que deseja, que mora na alma” (CC, n. 22).

Teresa “vive intensamente uma confiança ilimitada na misericórdia infinita de Deus” (CC, n. 27). Foi testemunha dessa misericórdia quando “o criminoso e impenitente Henri Pranzini, condenado à morte por triplo homicídio”, por quem ela tinha rezado incessantemente, se arrependeu antes de morrer. Ela afirmou: “Ah! a partir desta graça única, o meu desejo de salvar as almas cresceu de dia para dia” (CC, n. 28).

O nosso caminho teresiano passa agora para a terceira secção da exortação apostólica do Papa Francisco, que se centra na caridade, “o maior dom do Espírito Santo” e “mãe e raiz de todas as virtudes” (CC, n. 30). Na sua *História de uma alma*, Teresa oferece-nos uma reflexão sobre o novo mandamento de Jesus: “Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15, 12). Francisco observa: “Teresinha quer corresponder ao amor de Jesus, pagar-Lhe amor com amor” (CC, n. 31).

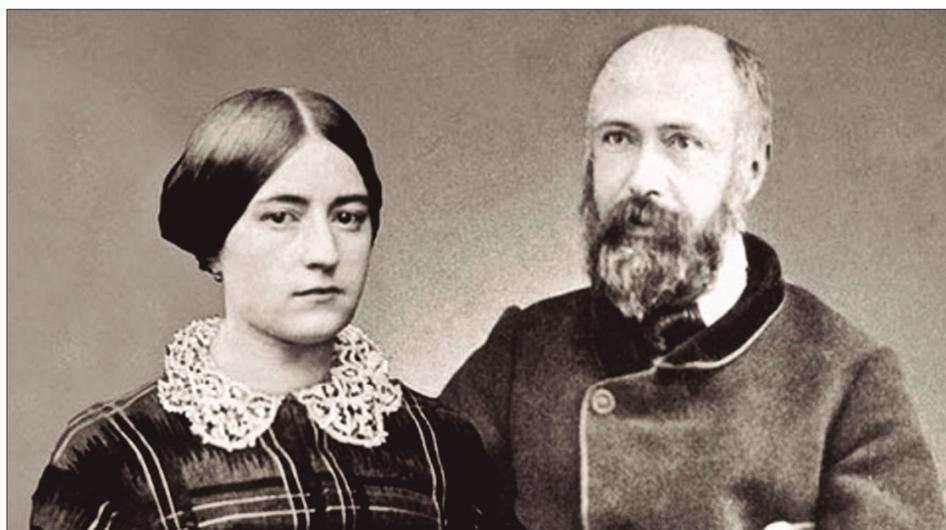
Inspirada no *Cântico dos Cânticos* (2,16), Teresa escreve: “Penso

que o coração do meu Esposo é só meu como o meu é só d’Ele e então falo-Lhe na solidão desta deliciosa intimidade, esperando contemplá-’O um dia face a face. Embora o Senhor nos ame em conjunto como povo, ao mesmo tempo a caridade actua, de modo muito pessoal, «de coração a coração»” (CC, n. 32). A propósito, vem-nos à mente o lema episcopal de São João Henrique Cardeal Newman: *Cor ad cor loquitur* (O coração fala ao coração).

O Papa Francisco escreve: “Teresinha tem a viva certeza de que Jesus a amou e conheceu pessoalmente na Sua Paixão: «Amou-me e a Si mesmo Se entregou por mim» (Gal 2, 20)” (CC, n. 33). Repetir as palavras “Jesus, amo-Te”, que se tornaram tão naturais para Teresa como respirar, é a chave da sua compreensão do Evangelho... Ela “penetra nas profundezas do amor do Coração de Jesus” (CC, n. 34).

Teresa delirou de alegria quando encontrou a sua vocação especial. “A minha vocação é o Amor!” Sim, encontrei o meu lugar na Igreja... No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor. Assim serei tudo..., assim o meu sonho será realizado!” (CC, n. 39). “esta é a opção radical

“**Teresa teve um autêntico encontro de fé com Cristo, que provocou uma profunda convocação para a missão.**”



Luís e Zélia Martin, pais de Santa Teresinha, canonizados pelo Papa Francisco, em 2015.

de Teresinha, a sua síntese definitiva, a sua identidade espiritual mais pessoal” (CC, n. 41).

No coração do Evangelho

Na sua última secção, o Papa Francisco recorda um ponto fulcral da sua exortação apostólica de 2013. “Na *Evangelii gaudium*, insisti sobre o convite a regressar ao frescor da fonte, para dar relevo ao que é essencial e indispensável” (CC, n. 46).

“Esta Exortação sobre Santa Teresinha permite-me recordar que, numa Igreja missionária, «o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa». O núcleo luminoso é «a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado»” (CC, n. 47). O Pontífice prossegue: “O centro da moral cristã é a caridade, que é a resposta ao amor incondicional da Trindade, de modo que «as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito». Em última análise, conta só o amor” (CC, n. 48).

Sublinhando o “testemunho oportuno” de Santa Teresa, o Papa Francisco assinala sete áreas em que as suas ideias são relevantes hoje. Dois exemplos são suficientes. “Num tempo que nos convida a fechar-nos nos próprios interesses, Teresinha mostra a beleza de fazer da vida um dom.” “Num tempo de entrincheiramento e reclusão, Teresinha convida-nos à saída missionária, conquistados pela atracção de Jesus Cristo e do Evangelho” (CC, n. 52).

“Amada Santa Teresinha, a Igreja precisa de fazer resplandecer a cor, o perfume, a alegria do Evangelho. Enviai-nos as vossas rosas! Ajudai-nos a ter sempre confiança, como fizestes vós, no grande amor que Deus tem por nós, para podermos imitar cada dia o vosso caminhito de santidade. Amen” (CC, n. 53). ✚

Padre James H. Kroeger
Missionário Maryknoll

Promover a fraternidade e a amizade

Na véspera da festa de São Francisco de Assis, a 4 de Outubro de 2020, o Papa Francisco publicou a sua terceira encíclica, *Fratelli Tutti*. O título italiano é retirado dos escritos do seu homónimo, Francisco de Assis, que viveu no século XII e é agora o santo padroeiro da ecologia.

Fratelli Tutti tem oito capítulos e 43 mil palavras distribuídas em 287 parágrafos; no entanto, o tamanho da encíclica não deve ofuscar a sua relevante e urgente mensagem! Alguns dos seus temas-chave são os seguintes: a renovação das relações humanas a todos os níveis da sociedade, o apelo à paz e à reconciliação, o renascimento da política, o cuidado da terra, nossa casa comum, e o estabelecimento de relações cordiais entre o cristianismo e o islamismo, e as religiões para o serviço da solidariedade humana.

Os capítulos da *Fratelli Tutti* podem servir como que para uma visita guiada à encíclica. O capítulo 1, “As sombras de um mundo fechado”, resume os numerosos desafios que a humanidade enfrenta actualmente. O Papa Francisco observa, citando Bento XVI, na Carta encíclica *Caritas in veritate*, que “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos” (n. 12). Lembra também que Francisco de Assis escutava Deus, os pobres, os doentes e a natureza; esta semente plantada por Francisco precisa de crescer nos nossos corações (cf. n. 48).

Lições do Bom Samaritano

O segundo capítulo, intitulado “Um estranho no caminho”, é uma maravilhosa reflexão sobre a parábola do Bom Samaritano de Jesus (Lc 19, 25-37). O Papa observa que esta parábola nos mostra que a verdadeira comunidade só pode ser construída por homens e mulheres que se identificam com a vulnerabilidade dos outros (cf. n. 67). Francisco escreve que há muitas pessoas “feridas” no nosso mundo; e afirma que devemos tocá-las, e não apenas simpatizar com elas a uma distância segura (cf. n. 76).

O capítulo 3, “Pensar e gerar um mundo aberto”, esboça uma visão



“**A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida; por isso, procuramos promover o crescimento da “cultura do encontro”, buscando transcender as diferenças e as divisões. É importante “gerar processos de encontro.**”

da solidariedade humana. Francisco regressa à parábola do Bom Samaritano e observa que aqueles que passaram pelo homem ferido, estavam preocupados com os seus deveres, estatuto social e compromissos profissionais. O ferido à beira da estrada era apenas uma “distracção” dos seus deveres pessoais, importantes e quotidianos (cf. n. 101). Todos os homens devem crescer na consciência humana; é necessário um “mínimo de consciência universal” (n. 117).

Todos têm necessidade de “um coração aberto ao mundo inteiro”, como se descreve no capítulo 4. Isto significa apreciar a diversidade dos povos, das culturas, das religiões e dos valores, o que exige que se reconheça que todos os indivíduos devem ser vistos como dons, trazendo oportunidades de enriquecimento e desenvolvimento humano integral (cf. n. 133). O Papa

Francisco afirma: “Precisamos de fazer crescer a consciência de que, hoje, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém” (n. 137).

Três capítulos resumem algumas necessidades urgentes da humanidade actual: “A política melhor” [5], “Diálogo e amizade social” [6] e “Percurso de um novo encontro” [7]. Podemos apreciar os múltiplos e perspicazes comentários do Papa Francisco. Ele observa que a política mundial deve abordar a fome; os alimentos descartados constituem um verdadeiro escândalo: “A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável” (n. 189).

A ternura como caminho

A política autêntica precisa de dar espaço ao amor terno pelos outros. “A ternura é o caminho que percorreram os homens e as mulheres



mais corajosos e fortes” (n. 194). Francisco acredita que “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (n. 215); por isso, procuramos promover o crescimento da “cultura do encontro”, buscando transcender as diferenças e as divisões (cf. n. 215). É importante “gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de recolher as diferenças” (n. 217).

Na *Fratelli Tutti* encontramos numerosas pistas para facilitar autênticos encontros humanos e promover a comunidade e a solidariedade. A paz genuína só se alcança através do diálogo, da reconciliação e do desenvolvimento mútuo (cf. n. 229). Como observaram os bispos latino-americanos: “A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres” (n. 234). Devemos manter viva a nossa memória histórica, recordando tragédias como a *Shoah*, as bombas atômicas lançadas sobre Hiroxima e Nagasáqui, ou o tráfico de escravos (cf. n. 247-248).

O oitavo e último capítulo, “As religiões ao serviço da fraternidade no mundo”, mostra o contributo fundamental que as diversas religiões do mundo podem dar para a construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade.

Ao procurarmos crescer na fé e no compromisso social, procuramos caminhos práticos para progredir; certamente, ler e absorver as profundas percepções dos escritos do Papa Francisco enriquecer-nos-ão profundamente. Consideremos a *Fratelli Tutti* como um vasto sortido de boa comida; provemos e saboreemos toda a sua riqueza. Podemos ler um capítulo da Encíclica por semana, dedicar-lhe quinze minutos diários de reflexão ou meditá-la durante o retiro anual. Seja qual for a escolha, é importante comprometer-se em absorver e implementar a visão e os sonhos do Papa Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. Descobriremos verdadeiramente que somos “*fratelli tutti*”, “*todos irmãos e irmãs*”! ✦

P. James H. Kroeger
Missionário Maryknoll

Partilhar a vida com os pobres

Na minha comunidade, decidimos que este ano eu dedicaria uma parte do meu tempo a ir ao encontro de dezenas, talvez centenas, de homens, mulheres e jovens toxicodependentes que vagueiam pelo bairro Charco Azul, em Cali. Comecei por me aproximar de um banco de jardim que construíram debaixo de uma árvore.

Nesse local, a qualquer hora do dia ou da noite, há sempre um pequeno grupo de pessoas sentadas a consumir droga. Comecei por me sentar com eles duas ou três vezes por semana, durante um mês, para os ouvir e conversar. Por vezes, não foi fácil. Um jovem falava continuamente, mas nunca dizia uma frase que tivesse nexos com a anterior: com ele, o diálogo falhou.

Outro homem passou mais de meia hora a insultar-me porque eu “estava cheio de dinheiro que o Vaticano me enviava e não lho queria dar”. Depois houve um tipo que estava sempre a pedir-me que o convidasse para almoçar. Outros encontros foram mais agradáveis: como o que tive com três adolescentes a quem perguntei onde arranjavam o dinheiro para comprar a droga, e eles admitiram que roubavam, mas explicaram-me que eram “bons ladrões” porque não roubavam no bairro, mas noutras zonas...

Falei também com uma jovem mãe que me explicou que se drogava há 15 anos, mas que desde

que tinha filhos tinha deixado as drogas “duras” e fumava apenas “marijuana”. Quando lhe perguntei porque é que não tinha parado, disse-me que não podia.

Falei também com um toxicodependente “teólogo” que falou do terço e da devoção a Nossa Senhora do Carmo e da diferença entre rezar e pedir. Qual é o sentido destes encontros? Não sei exactamente. Para já, penso que, num ambiente onde todos se sentem desprezados, pode ser uma “boa notícia” para eles encontrarem um padre que não tem vergonha de se sentar entre eles e de os ouvir. O que é que vai acontecer? Não sei... o tempo o dirá e o Espírito inspirá-lo-á...

A outra vertente do empenho é a aproximação aos pobres. A sua generosidade não pára de me surpreender: há algumas semanas, visitei uma casa onde vivem três idosos com idades compreendidas entre os 75 e os 90 anos. São irmãos, estão muito magros e nunca tiveram filhos ou esposas. Já não têm forças para trabalhar. Quando lhes perguntei como é que conseguiam sobreviver, responderam que há sempre um vizinho que lhes traz qualquer coisa. Por isso, juntei-me aos vizinhos e também eu lhes levo comida de vez em quando. ✦

P. Franco Nascimbene
Missionário Comboniano,
na Colômbia



P. Franco Nascimbene
no banco do encontro.

Ideias-força das Jornadas Missionárias



O P. Dinh Anh Nhue foi o animador do fim-de-semana, que decorreu no salão das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres.

As Jornadas Missionárias deste ano realizaram-se, como habitualmente, em Fátima, nos dias 21 e 22 de Setembro. Num ano dedicado à oração, em preparação para o Jubileu de 2025, as Jornadas tiveram como tema **A oração dos discípulos missionários**.

O seu principal orador e animador foi o Padre Dinh Anh Nhue Nguyen, Secretário-Geral da União Missionária Pontifícia (UMP). O Padre Anh Nhue, de 54 anos, é vietnamita, engenheiro electrónico e biblista e pertence à da Ordem dos Frades Menores Conventuais.

Convidou-nos a ir à escola de Jesus e a aprender com Ele a manter a comunhão permanente com Deus. Do leque de ensinamentos e partilha entre os cerca de 100 participantes, que tiveram lugar no auditório das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, eis algumas das ideias-força que emergiram:

1. A oração é o princípio da missão. A compaixão pelas pessoas leva Jesus a recomendar a oração pelas vocações e a escolher os Seus discípulos para O ajudarem a cuidar delas: “Ao ver as multidões, (Jesus) compadeceu-Se profundamente delas, porque estavam cansadas e abatidas como ovelhas que não têm pastor. Disse, então, aos Seus discípulos: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos.

Pedi, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara” (Mt 9, 36-38).

2. O acto de rezar é eminentemente missionário, ou como nos recordou o Papa Francisco por ocasião dos 180 anos da fundação da Obra da Infância Missionária, **“A oração é a primeira acção missionária”**. Conscientes deste facto, **as Obras Missionárias Pontifícias têm como tarefa primeira a promoção da oração**, juntamente com a promoção da informação missionária e da solidariedade entre as Igrejas. **Somos missionários desde logo através da oração.**

3. A oração está no centro do dia típico da missão de Jesus (cf. Mc 1, 21-39). Ele começa o Seu dia a rezar na sinagoga de Cafarnaum, continua a ensinar e a curar e “de manhã muito cedo, ainda escuro” (v. 35), retira-Se para rezar num lugar solitário, antes de continuar o Seu ministério nas sinagogas da Galileia. Além da oração na assembleia litúrgica das sinagogas, Jesus reza muitas vezes no monte (Mt 14, 23), sozinho e à parte (Lc 9, 18), por vezes com os salmos (cf. Mt 26, 30). Ele sente o desejo de intimidade silenciosa com o Pai, mas na Sua oração tem presente a Sua missão e a educação dos discípulos, como no baptismo (Lc 3, 21),

antes da escolha dos doze (Lc 6, 12), no momento da transfiguração (Lc 9, 29) e antes do ensino do Pai Nosso (Lc 11, 1).

4. O Pai Nosso (Lc 11, 1-13; // Mt 6, 9-13), a única oração que Jesus ensina aos Seus discípulos, reflecte a proximidade de Jesus ao Pai, ao invocá-l’O como Pai (*Abba*), o termo usado pelas crianças para dirigir-se ao progenitor, que supõe carinho, mas também respeito. O Pai Nosso é **definido como “a oração cristã fundamental” e “o resumo de todo o Evangelho** (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2759-2772).

5. A Oração do Senhor, que é o **paradigma da oração cristã e missionária**, começa com dois pedidos paralelos: o da santificação do Seu nome e o da vinda do Seu reino. São de certa forma complementares, porque onde Deus reina, o Seu “nome”, ou seja, Ele próprio, é “santificado” e “glorificado”, o que significa reconhecido como santo e adorado como tal (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2807). Nestas invocações iniciais, vislumbra-se o grande desejo de Jesus pela causa de Deus que Ele levava constantemente no Seu coração e que agora quer transmitir aos Seus discípulos. Quem reza o Pai Nosso partilha o mesmo desejo de Deus



e de Cristo, sobre a realização da *missio Dei*, a missão de Deus para a felicidade do homem.

6. A oração é a condição que nos permite ser discípulos missionários. Por isso, Jesus pede aos Seus discípulos que rezem com insistência e confiança filial. A oração é o sustentáculo da vida cristã e missionária. É nela que somos impulsionados a sair ao encontro dos outros, encontramos a força para não desanimarmos perante as dificuldades e ganhamos a coragem para falar do nome de Jesus, conscientes de que, como nos ensinou São Paulo VI, “Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados” (*Evangelii Nuntiandi*, 22).

7. A oração dos discípulos, como a de Jesus, é orientada à missão. Depois da Ascensão de Jesus, os discípulos regressam à sala de cima (cf. *Act* 1, 14), e “eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações” (*Act* 2, 42). Após a libertação de Pedro e João (*Act* 4, 23-31), e perante o espectro da perseguição, os discípulos não pedem a Deus protecção no perigo e incolumidade perante as ameaças, mas a força para anunciarem “com total desassombro” a Palavra de Deus. A missão vale mais do que a sua vida.

8. O ideal cristão de orar “em todo o tempo” só é possível quando há “tempos fortes da oração cristã, em intensidade e duração” (Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2697). **A oração vocal, a meditação e a contemplação são as três expressões principais da vida de oração** (*CIC*, 2699-2719). As principais formas da oração são: a oração de bênção e adoração, a oração de petição, a oração de intercessão, a oração de acção de graças e a oração de louvor (*CIC*, 2626-2649).

9. **A oração de intercessão**, através da qual abraçamos espiritualmente as necessidades e anseios

da humanidade e nos comprometemos a fazer o que está ao nosso alcance para melhorar a sua sorte, tem uma grande dimensão missionária. Ela é realçada pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*: “Há uma forma de oração que nos incentiva particularmente a gastarmo-nos na evangelização e nos motiva a procurar o bem dos outros: é a intercessão” (*EG*, 281).

10. A Eucaristia é fonte e cume da vida e da missão da Igreja. A comunidade cristã alimenta-se na Eucaristia, que é um **mistério para ser celebrado e vivido no Espírito Santo**. A Eucaristia está ligada ao mandamento novo do amor, ao mistério terrível da traição e da iniquidade (*Mc* 14, 18) e ao compromisso indefectível de Jesus com o Reino (*Mc* 14, 17-25). O mistério da

comunhão com Jesus, como nos mostra o episódio dos discípulos de Emaús, começa “no caminho” com a explicação das Escrituras (*Lc* 24, 13-35). “Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária”, escreveu o Papa Bento XVI na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, 84. E o Papa Francisco retomou esta ideia na sua *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024*, ao dizer: “Todos somos chamados a viver mais intensamente cada Eucaristia em todas as suas dimensões, particularmente a escatológica e a missionária. Reafirmo, a este respeito, que «não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens» (*Sacramentum Caritatis*, 84). ✦





OFERTÓRIOS DIOCESANOS 2023

Valores transferidos para as OMP
até 29 de Outubro de 2024

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

| Dioceses | Ofertório 2023 | Média por Paróquia | Ofertório 2022 |
|-------------------------------------|---------------------|--------------------|---------------------|
| LISBOA (285 Paróquias) | 89.000,55 € | 312,28 € | 34.616,45 € |
| FUNCHAL (96 Paróquias) | 12.861,95 € | 133,97 € | 16.968,00 € |
| VILA REAL (264 Paróquias) | 29.137,22 € | 110,36 € | 25.519,05 € |
| SETÚBAL (57 Paróquias) | 6.265,81 € | 108,17 € | 11.211,91 € |
| PORTO (477 Paróquias) | 47.362,63 € | 99,29 € | 45.269,38 € |
| AVEIRO (101 Paróquias) | 9.600,28 € | 95,05 € | 9.848,59 € |
| COIMBRA (271 Paróquias) | 23.177,37 € | 85,34 € | 22.193,94 € |
| LAMEGO (223 Paróquias) | 17.850,00 € | 80,04 € | 17.500,00 € |
| VISEU (208 Paróquias) | 12.757,16 € | 58,92 € | 14.734,32 € |
| SANTARÉM (113 Paróquias) | 6.576,44 € | 58,19 € | 6.312,92 € |
| ALGARVE (81 Paróquias) | 4.652,54 € | 57,43 € | 4.604,49 € |
| GUARDA (360 Paróquias) | 20.204,40 € | 56,12 € | 27.019,45 € |
| BRAGA (551 Paróquias) | 26.800,62 € | 48,63 € | 31.018,98 € |
| ÉVORA (156 Paróquias) | 2.421,19 € | 15,52 € | 7.160,69 € |
| ANGRA * | ----- | ----- | 6.444,22 € |
| BEJA * | ----- | ----- | 4.405,38 € |
| BRAGANÇA * | ----- | ----- | 2.090,37 € |
| LEIRIA-FÁTIMA * | ----- | ----- | 17.160,64 € |
| PORTALEGRE ** | ----- | ----- | ----- |
| VIANA CASTELO * | ----- | ----- | 11.096,50 € |
| ORDINARIATO CASTRENSE * | ----- | ----- | 114,49 € |
| TOTAL | 308.668,16 € | 95,17 € | 315.339,77 € |

* Dioceses que, até ao momento, não enviaram o Ofertório de 2023.

** Diocese que, até ao momento, não enviou o Ofertório de 2022 e 2023.

Enviado para a OBRA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ

251.236,96 €

Enviado para a OBRA DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA

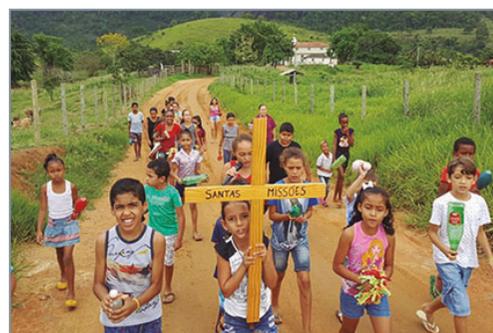
30.000,00 €

Enviado para a OBRA DE S. PEDRO APÓSTOLO

12.000,00 €

INFÂNCIA MISSIONÁRIA MEALHEIROS

| Dioceses | 2024 |
|----------------------|--------------------|
| PORTO | 10.874,77 € |
| BRAGA | 4.272,19 € |
| VISEU | 3.743,19 € |
| ANGRA | 2.485,00 € |
| LISBOA | 2.336,52 € |
| ALGARVE | 2.142,74 € |
| AVEIRO | 1.327,23 € |
| VIANA CASTELO | 916,00 € |
| VILA REAL | 378,00 € |
| FUNCHAL | 300,00 € |
| ÉVORA | 273,00 € |
| SETÚBAL | 175,00 € |
| SANTARÉM | 65,00 € |
| PORTALEGRE | 10,00 € |
| TOTAL | 29.298,64 € |



“Queridas crianças e adolescentes missionários, quero agradecer-vos porque com o vosso empenho ajudais a todos nós a sermos testemunhas corajosas do Evangelho e a partilhar com os outros, além dos subsídios materiais, o que temos de mais precioso: a fé.”

(Papa Francisco, mensagem por ocasião dos 180 anos da fundação da Obra Pontifícia da Santa Infância)



A grande festa missionária Americana

De 19 a 24 de Novembro de 2024, vai decorrer na cidade de Ponce, Porto Rico, o VI Congresso Missionário Americano (CAM6). O seu objectivo é **“promover, com novo ardor, a missão *ad gentes* da Igreja, caminhando juntos na escuta do Espírito, ser testemunhas da fé em Jesus Cristo na realidade dos povos do continente e até aos confins da terra.”**

O Director Nacional das Obras Missionárias Pontifícias de Porto Rico e Coordenador Geral do CAM6, o Padre Espiritano José Orlando Camacho Torres, afirma que a preparação tem sido marcada pela **escuta e docilidade ao Espírito**: “Desde que iniciámos a tarefa e a responsabilidade de ser Igreja anfitriã do CAM6, três atitudes principais nos têm acompanhado: a oração, a docilidade e a *parresia* (coragem, tenacidade). Na **oração**, contemplamos a “Missão de Deus”, que vem até nós na Pessoa de Jesus, e se perpetua na “Missão da Igreja”; a **docilidade** na acção do Espírito Santo, que nos inspira um novo ardor, um desejo alegre de **“redescobrir a nossa vocação de baptizados”**, e na *parresia*, atributo do Espírito, que faz nascer a audácia de sermos **“Evangelizadores com Espírito”**, ou seja, como afirma o Papa Francisco: **“... evangelizadores que se abrem sem medo à acção do Espírito Santo”** (EG, 259).

O continente Americano tem uma longa tradição de congressos missionários. Os primeiros tiveram lugar na América Latina e por isso foram chamados Congressos Missionários Latino-Americanos, com a sigla COMLA. Em 1999, as igrejas do Norte foram incorporadas, e o nome foi alterado para Congressos Missionários Americanos, com a sigla CAM.

O primeiro Congresso ocorreu em 1977, ou seja, há 47 anos, na cidade de Torreón, México (COMLA-1). Seguiram-se: o COMLA-2, em Tlaxcala, México, em 1983; o COMLA-3, em Bogotá, Colômbia, em 1987; o COMLA-4, em Lima, Peru, em 1991; o COMLA-5,



O Papa Francisco abençoa o símbolo do VI Congresso Missionário Americano.

Os congressos têm dado encorajamento missionário às nossas comunidades no continente.

em Belo Horizonte, Brasil, em 1995; o COMLA-6, em Paraná, Argentina, em 1999, que juntou a América do Norte e deu origem ao CAM1.

O itinerário missionário continuou com o COMLA-7 / CAM2, na Cidade da Guatemala, Guatemala, em 2003; o CAM-3/COMLA-8, em Quito, Equador, em 2008; o CAM4, na cidade de Maracaibo, Venezuela, em 2013; e o CAM5, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Agora, seis anos depois, será a vez de Porto Rico organizar a grande festa missionária Americana.

Tais congressos, pela sua longa preparação e realização, tem tido um papel importante no despertar missionário do continente: “Estamos convencidos de que os congressos missionários têm sido um kairós para nossa igreja. Apesar das muitas dificuldades e resistências quando se trata de assumir a missão *ad gentes*, um compro-

misso missionário latente pode ser percebido. Há constantes nesta jornada missionária, necessidades às quais ainda não demos respostas, mas em meio a tudo isso uma Igreja que se esforça pela conversão missionária. Os congressos têm dado encorajamento missionário às nossas comunidades no continente e, mesmo que tenha havido alguns saltos e limites ou descontinuidades, acreditamos que vale a pena continuar a incentivar o encorajamento e a reflexão missionária, garantindo um processo que levará a uma maior maturidade missionária nas nossas igrejas” (cf. *Memoria dos CAM’s*, 2019, P. Edeer Zapata).

O CAM6 foi lançado internacionalmente na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México e contará a com a especial participação do Cardeal Baltazar Enrique Porras, Arcebispo Emérito de Caracas e Delegado Especial do Papa Francisco, Mons. Emilio Nappa, Presidente das OMP, P. Dinh Anh Nhue Nguyen, O.F.M. Conv., Secretário Geral da União Missionária Pontifícia, os bispos das Comissões de Missões, dos directores Nacionais das OMP e de delegações de 23 países ✦

Cão deveras atrevido!

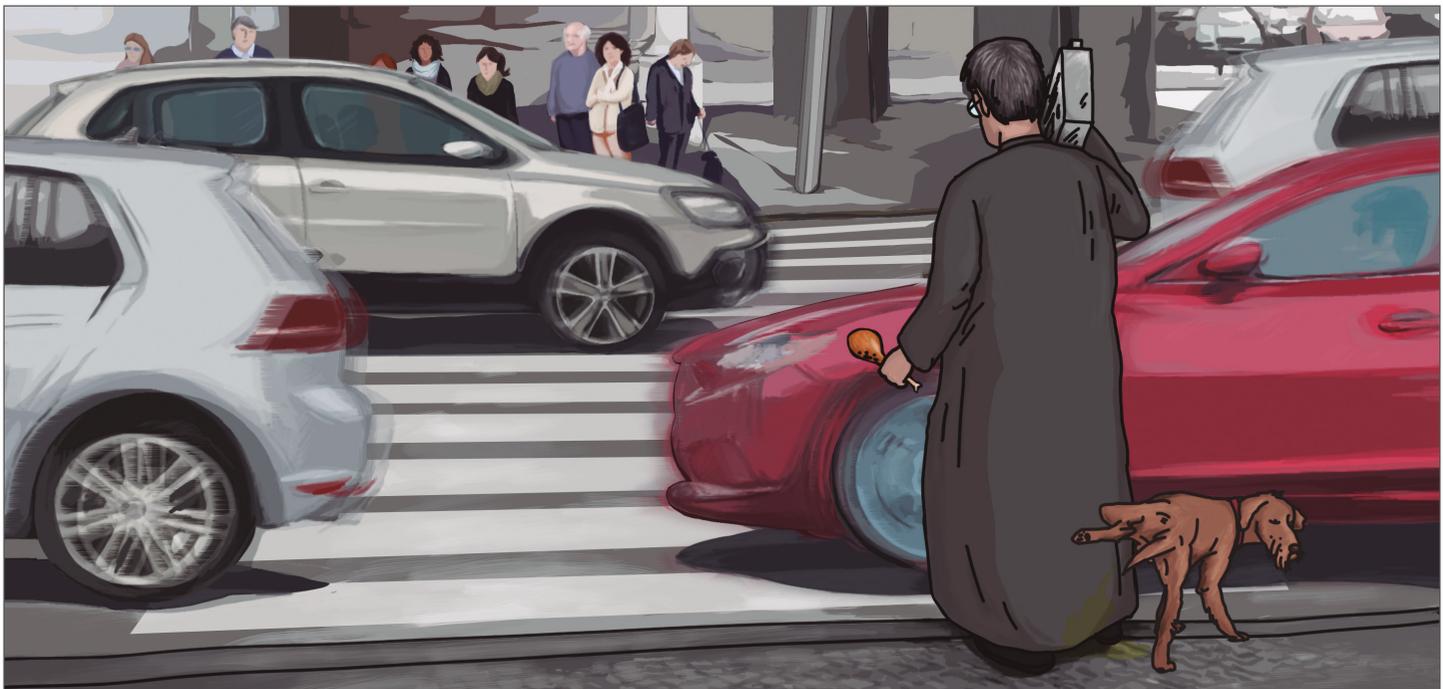


Ilustração: Ana Romão

Em Roma, na casa comboniana de S. Pancrácio, mesmo por cima da Cidade do Vaticano, o P.^e Giorgetti, um missionário veterano do Sudão, compositor e amante da música, ocupava sempre o mesmo lugar na mesa do jantar. Depois da oração e de pousar a bengala na cadeira, estendia o guardanapo de pano sobre o peito e dispunha-se a honrar tudo o que estava sobre a mesa. Nunca lhe faltava o apetite e o seu tamanho avantajado, a sua gulodice, as recordações da missão, os programas de música que seguia no seu pequeno e inseparável rádio, com a ajuda de um auricular, eram as “faíscas” que normalmente iniciavam a conversa. Quando, por uma razão ou outra, não descia para almoçar ou jantar, tinha-se a impressão de que os móveis da sala de jantar tinham desaparecido subitamente.

Um dia, no Verão, chegou tarde. Depois de se sentar sem cumprimentar ninguém, começou a comer. Tinha uma cara um pouco sombria e, a certa altura, alguém lhe perguntou: “Passa-se alguma coisa?” Acabando a sopa, ele respondeu: “Nunca me tinha

acontecido. A culpa é do trânsito. Estava prestes a atravessar a estrada a partir do passeio atrás da nossa casa, mas não conseguia porque os carros passavam continuamente, uns atrás dos outros. Esperei e esperei até que um cão apareceu no passeio. Eu olhei para ele, ele olhou para mim; depois aproximou-se, levantou a perna e fez xixi no meu sapato direito. Ao ver-me tão imóvel, deve ter-me confundido com um poste de iluminação!” Os membros da comunidade tiveram motivo de risota durante uma semana.

“Retirem as granadas de mão!”

Num recanto do Norte do Uganda, à porta da missão, todos os dias, havia soldados vadios, rebeldes disfarçados de soldados, polícias que pareciam bandidos, civis que podiam ser polícias, sobretudo durante a noite. Pediam algo para comer e beber, gasolina e dinheiro – umas vezes com boas maneiras, outras vezes ameaçando o pobre missionário, o Padre José.

Um dia, um soldado bêbedo disparou a arma tão perto da sua

cabeça que, durante algum tempo, pensou que estava morto. Então, decidiu estabelecer uma regra para todos: é proibido entrar armado na missão. Aqueles que traziam armas tinham de as deixar à entrada ou ficar de fora.

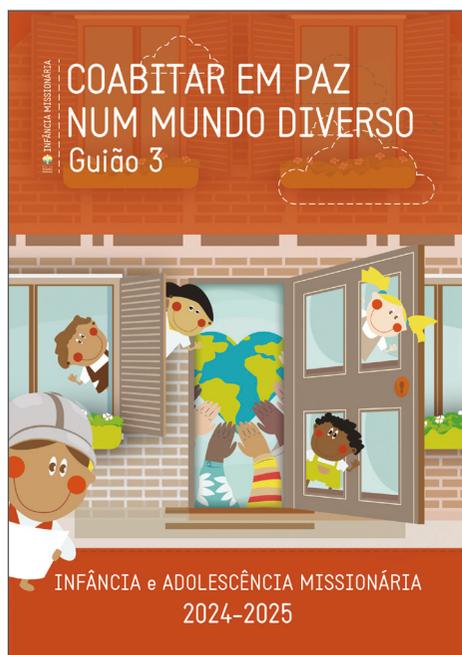
Uma noite, no momento em que estava a jantar, ouviu gritos que se aproximavam rapidamente. A porta foi aberta e três homens atiraram um soldado ferido para o chão. A primeira coisa que chamou a atenção do Padre José foi o facto de o soldado estar armado, com um cinto de balas que dava duas voltas ao corpo e com os bolsos da camisa volumosos.

“Antes de mais, tirai-lhe as armas!”, ordenou. Tiraram a metralhadora ao soldado ferido. “Tirai-lhe as granadas de mão”, diz com firmeza. Os soldados olham para ele: “Não tem granadas de mão”. “Então, o que é isto?”, perguntou o Padre José, pondo as mãos nos bolsos do peito do soldado. Foi então que se apercebeu de que se tratava de uma mulher-soldado. ✦

Padre Neno Contran
Missionário Comboniano



INFÂNCIA MISSIONÁRIA



As crianças e os adolescentes da Infância Missionária e da Catequese paroquial, podem ser ajudados, durante este ano, pelos catequistas, através do uso do Guião 3. Foi preparado por uma equipa da Diocese do Porto, e contém interessantes dinâmicas de grupo e propostas de actividades, nomeadamente para o conhecimento do continente Americano.

Uma das celebrações propostas é a da Infância Missionária, que se celebra no dia 5 de Janeiro de 2025, Solenidade da Epifania. Nesse dia, em que recordamos a chegada dos magos a Belém com os seus dons, as crianças também trazem os seus Mealheiros Missionários, nos quais depositaram as suas ofertas, durante o Tempo de Advento e de Natal, e que podem ser recolhidos durante o Ofertório.

Em Portugal, não está (ainda) estipulado fazer a colecta em favor da Obra Pontifícia da Infância Missionária. Mas isso não impede as paróquias que o desejarem de se juntarem às crianças da catequese para demonstrar a sua solidariedade com as crianças mais pobres e negligenciadas do mundo.

Pode enviar donativos para:

Obras Missionárias Pontifícias
Banco INVEST
IBAN: PT 50 00140000519124710146

Propostas de reflexão, celebração e oração

O *Guião Missionário*, que preparámos, com alguns missionários, tem como objectivo ajudar-nos ao longo do ano pastoral que acaba de começar, a reflectir celebrar e rezar, pessoal e comunitariamente. As **reflexões** são sobre a mensagem do Papa Francisco *Ide e convidai a todos para o banquete*, as suas intenções de oração mensais e as leituras dos domingos e festas maiores até ao final de Setembro de 2025. As **celebrações** para Outubro (Vigília Missionária), o Advento, a Quaresma (Via-Sacra e Celebração Penitencial), quando visitamos os doentes ou fazemos uma Adoração Eucarística, ajudam a comunidade a rezar e a crescer. O capítulo das **orações** contém meditações do Rosário Missionário, uma Ladainha Missionária e orações para diversas ocasiões da vida. Tem 176 páginas e tem tido muito bom acolhimento. Ainda há exemplares disponíveis para quem estiver interessado.



Quando fizer o seu testamento, pense nas OMP!

Se não tem familiares próximos e tem dúvidas a quem deixar os seus bens, pode contemplar a ideia de doar parte deles às Obras Missionárias Pontifícias (OMP), com a finalidade de ajudar as Igrejas mais jovens e necessitadas noutros continentes. Nesse caso, **pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé** – o nosso nome oficial. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé
Banco Millennium-BCP
Nº Conta: 23521434
NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05
IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas Obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.



“A missão é ida incansável rumo a toda a humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus. (...) Oxalá todos nós, batizados, nos disponhamos a sair de novo, cada um segundo a própria condição de vida, para iniciar um novo movimento missionário, como nos alvares do cristianismo. (...) A missão para todos requer o empenho de todos.”

(Papa Francisco, Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024)